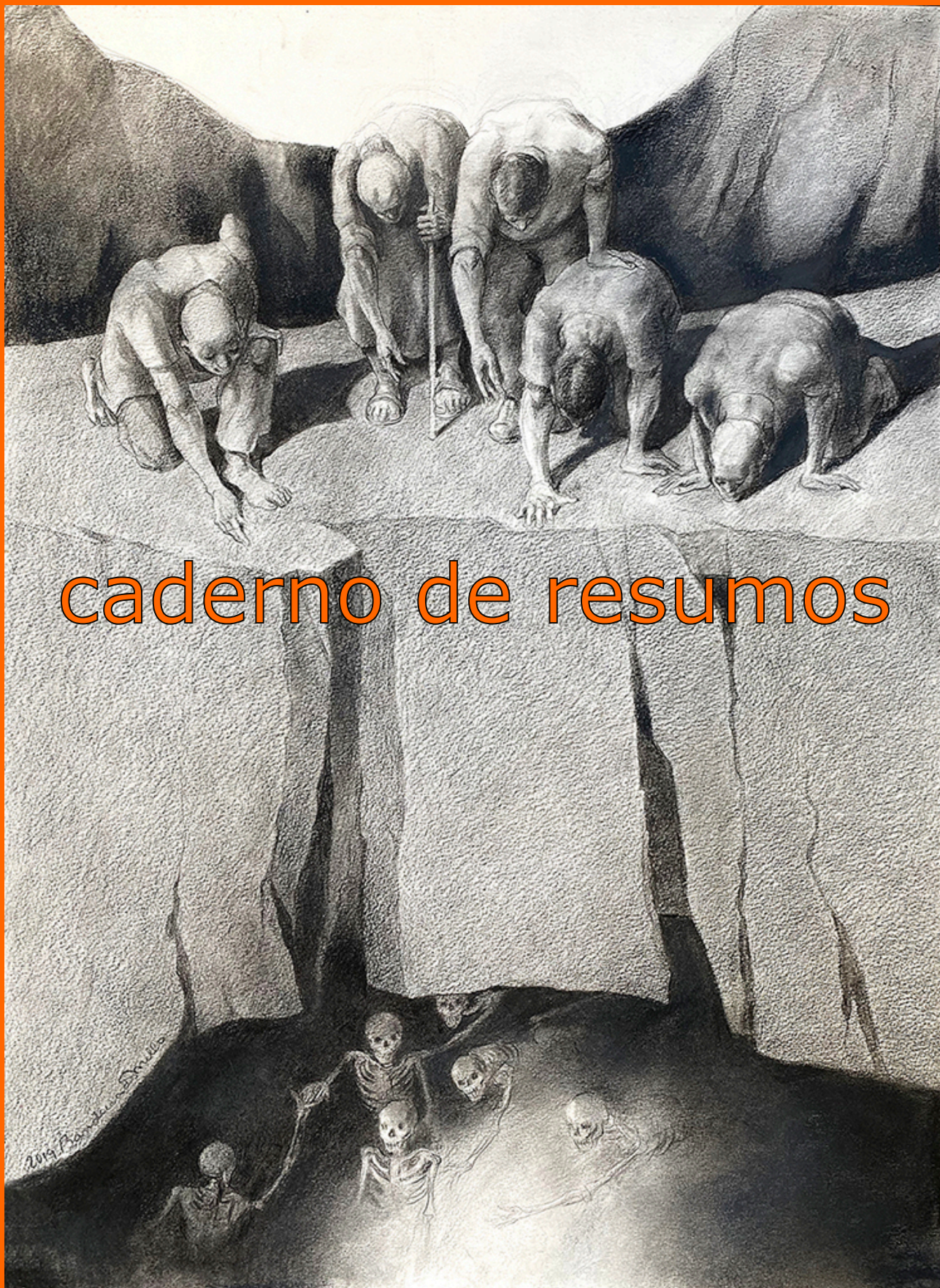


# ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS



caderno de resumos



*Imagem:*

*Lydio Bandeira de Mello*

*Leopoldina MG 1929. Vive no Rio de Janeiro – RJ.*

*Sem título, 2019*

*Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm*

*Acervo Lydio Bandeira de Mello.*

*Crédito Fotográfico: Rafael Bteshe.*

**41º. Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**

# **ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS**

caderno de resumos

**Evento virtual**

**2021**



41º Colóquio do Comitê Brasileiro de  
História da Arte

23 a 27 de novembro de 2021

Arte em  
Tempos Sombrios



## 41º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: *ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS*

**Evento virtual**

**23 a 27 de novembro de 2021**

### **Diretoria do CBHA (Gestão 2020 - 2022)**

Marco Pasqualini de Andrade (UFU) – Presidente

Neiva Bohns (UFPeL) – Vice-Presidente

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ) - Secretária

Arthur Valle (UFRRJ) - Tesoureiro

### **Comissão de Organização**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA) Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brittes (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

### **Equipe de Produção**

*Coordenação geral*

Rogéria de Ipanema (UFRJ/CBHA)

*Coordenação das equipes*

Martha Werneck de Vasconcellos (EBA-UFRJ)

*Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ)*

Debora Camilo dos Santos

Gabriel Pereira

Licius da Silva

Paulo Cesar Holanda

*Bacharelado de História da Arte (EBA-UFRJ)*

Carlos Henrique de S. Fernandes

Caroline de Castro Miranda

Julia Poina

Lorena Kock Nascimento

Lucas Gibson



## MEDUSA: DE IMAGEM ARCAICA A ÍCONE CONTEMPORÂNEO DE RESISTÊNCIA

ICLEIA MARIA BORSA CATTANI<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul / icleiacattani@gmail.com

### RESUMO EXPANDIDO

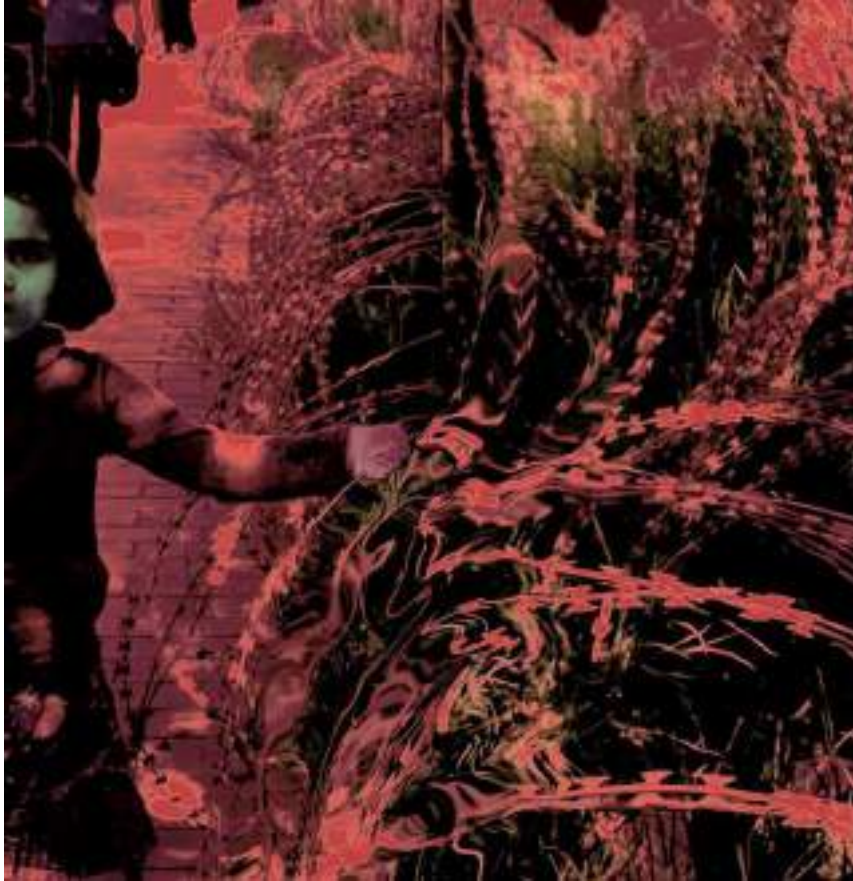
Medusa surge, no período grego arcaico, unicamente como imagem, de função controversa: máscara ritual ou figura protetora. Somente a partir de Homero, ela começa a ter uma narrativa própria, mas essa só foi desenvolvida nas *Metamorfoses*, de Ovídio. Sua versão será predominante na arte, do Renascimento ao século XXI, com contemporâneos como Vic Muniz, Joana Vasconcelos, Damien Hirst e Éliane Chiron, cujos trabalhos serão aqui analisados. A imagem-fonte mais citada hoje é a de Caravaggio, que se baseou nas *Metamorfoses*. O pintor empregou o formato de *tondo*, simulando o escudo de Perseu. Brilhante como um espelho, ele refletia a imagem do monstro, permitindo ao herói vê-lo pelo reflexo pois, se a olhasse diretamente, seria transformado em pedra. Caravaggio pintou o mito no momento mesmo da sua decapitação, criando uma figura de horror mas que fascina. Pintando um autorretrato como Medusa decapitada, deixa os espectadores ainda mais atônitos frente à pintura – paralisados, transformados em pedra, como na narrativa. Chiron recupera a potência desta figura, como nas imagens arcaicas. Suas “pinturas digitais” mostram o puro horror das guerras e atentados atuais, além das violências de gênero. Medusa, punida por Atena por ter sido violentada no seu templo, é a vítima transformada em culpada. Julia Kristeva e Hélène Cixous e, mais recentemente, o movimento *Me too*, apropriaram-se deste mito, que passou a ícone da resistência das mulheres. Na narrativa grega, Medusa possuía os dois aspectos opostos, de protetora e de destruidora.

Nos trabalhos de Chiron, como nos tempos arcaicos, Medusa se torna pura potência imagética; misturada a outras imagens da violência e do horror, cabe aos espectadores identificá-la. As fotografias realizadas, muitas vezes, no âmago dos conflitos, são as fontes a partir das quais a artista trabalha no suporte digital, intensificando o *pathos* original; o mesmo modo, manipula as formas, fundindo-as em parte e mestiçando-as, para que resultem em obras violentas, fortes, *médusantes*, obras de resistência.

### PALAVRAS-CHAVE:

Éliane Chiron. Medusa. Mitologia e Arte Contemporânea. Violência Política e Social. Arte como Resistência.

### IMAGENS:



**ELIANE CHIRON:** *Petite tunisienne*, 2012.  
Imagem manipulada digitalmente, medidas variáveis.  
Paris, coleção da artista



**ELIANE CHIRON:** *Sem título*, 2021.  
Imagem manipulada digitalmente, medidas variáveis.  
Paris, coleção da artista.